

# ESTRATÉGIAS DE ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO PARA OS SURDOS

## LITERACY AND LITERACY STRATEGIES FOR THE DEAF

Claudia Pinheiro Nascimento,

Thaís Regina Moreira Lobeu

### RESUMO

Esse artigo tem como principal objetivo entender as estratégias de alfabetização e letramento para os surdos, os procedimentos e métodos que o professor pode incluir dentro do processo de aprendizado dos alunos surdos e compreender a importância de Libras no processo de alfabetização e letramento, em uma análise feita a partir de um formulário com perguntas diretamente para os surdos, através do *Google Forms*. A pesquisa, realizada de forma exploratória, visou analisar o processo de alfabetização e letramento de cada docente, os que tiveram dificuldades na alfabetização, e que vivem com isso até hoje. O artigo está dividido em quatro partes, começando pela compreensão da história e educação dos surdos, em seguida o ensino da língua de sinais como o processo de alfabetização, compreendendo as ferramentas que podem ser utilizadas pelo professor no processo de alfabetização e letramento, concluindo com a pesquisa de campo respondida pelos docentes surdos. Como resposta da pesquisa, foi analisado que a maioria dos surdos tem muita dificuldade na Língua portuguesa escrita, e para eles a falta de professores qualificados é muito grande, não basta apenas saber Libras, mas sim ter métodos e estratégias que ensina com clareza.

**Palavras-Chaves:** Alfabetização. Letramento. Estratégias. Surdo.

### ABSTRACT

*This article aims to understand literacy and literacy strategies for the deaf, the procedures and methods that the teacher can include within the learning process of deaf students and understand the importance of Libras in the literacy and literacy process, in an analysis made from a form with questions directly to the deaf, through Google Forms. The research was to analyze the process of literacy and literacy of each teacher, those who had difficulties in literacy, and who live with it to this day. The article is divided into four parts, starting with the understanding of the history and education of the deaf, then the teaching of sign language as the literacy process, understanding the tools that can be used by the teacher in the process of literacy and literacy, concluding with the field research answered by deaf teachers. As a response to the research, it was analyzed that most deaf people have a lot of difficulty in the Written Portuguese language, and for them the lack of qualified teachers is very large, it is not enough just to know Libras, but to have methods and strategies that teaches clearly.*

**Keywords:** Literacy. Literacy. Strategies. Deaf.

## **INTRODUÇÃO**

Segundo Soares o letramento muda a maneira do surdo ver o mundo, e transforma sua realidade, esperando que sua vida melhore cada vez mais. Portanto a alfabetização do surdo, tanto na sua língua materna, que é a Libras, como no português, a língua na qual se comunica com a sociedade e com o mundo, devem ser respeitadas considerando o surdo como um indivíduo diferente apenas, mas não inferior aos demais.

Infelizmente até o dia de hoje os surdos ainda passam por esse preconceito, até mesmo dentro da própria família. Muitos surdos têm dificuldades na escola, mas isso não significa que os surdos não irão aprender, por isso que é importante que os alunos surdos aprendam primeiro sua língua materna, ou seja a Libras - Língua Brasileira de Sinais pois assim facilitará o aprendizado e o processo de alfabetização e letramento desses indivíduos.

Alfabetizar e letrar os surdos é similar ao processo aplicado às pessoas ouvintes, pois ambas são alfabetizadas com teoria e letradas com experiências vividas do indivíduo. A diferença é que o surdo se utiliza de sinais para se comunicar, então é preciso que se trabalhe muito a memorização. Libras para surdo simboliza a língua falada, tornando-a objeto de interação espontânea e entendimento e que são os requisitos para capacitar uma pessoa como letrada.

### **1.0 HISTÓRICO DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS**

A história da educação de surdos na maioria das vezes, foi narrada por ouvintes e não por surdos. Qualquer que seja a época, a educação de surdos é contada, raríssimas vezes, pelos próprios protagonistas, os surdos. Estes se encontram, pois, em papéis de coadjuvantes de sua própria história.

A memória individual é refletida, em parte, por nossa experiência objetiva com o vivido. No entanto, apenas ela não esgota a experiência. As manifestações do inconsciente também geram mecanismos de memória construídos fora da experiência do vivido-compartilhado com outros sujeitos (ROCHA, 2010, p. 32).

O trecho acima revela a grande contribuição de Solange Maria da Rocha para a historiográfica da educação, não só do Brasil. A autora aborda a memória da Educação de Surdos e a história da educação em geral. Segundo ela, a educação de surdos teve início durante o congresso de Milão, em uma conferência internacional de educadores de surdos, em 1880. Em seguida, entre 6 e 11 de setembro de 1880, o congresso declarou que a educação oralista era superior à língua gestual, aprovando

uma resolução que proibia o uso da língua gestual nas escolas. Desde sua aprovação, em 1880, as escolas, em todos os países Europeus e nos Estados Unidos, mudaram para a utilização terapêutica do discurso sem língua gestual como método de educação para os surdos.

As narrativas sobre esse período, encontradas nessa produção, ora são descritas somente como o triunfo do oralismo e a proibição da Língua de Sinais, ora são descritas como distanciadas dos sentidos da educação geral dos anos cinquenta no Brasil (ROCHA, 2010, p. 15).

No Brasil, a história da educação de surdos iniciou-se com a criação do Instituto de Surdos-Mudos, hoje atual Instituto Nacional de Educação de surdos ( INES), fundado em 26 de setembro de 1857, pelo professor surdo francês E. Huet, que veio ao Brasil a convite do Imperador D. Pedro II para trabalhar na educação de surdos. No início, os surdos eram educados por linguagem escrita articulada e falada, datilologia e sinais.

O curso tinha a duração de seis anos e era oferecido a alunos dos dois sexos, na idade de sete a dezesseis anos. A disciplina "Leitura sobre os Lábios" estaria voltada apenas para os que apresentassem aptidões a desenvolver a linguagem oral. Havia uma seleção e, conseqüentemente, trabalho diferenciado para os que não tivessem condições de serem oralizados.

Assim, pois, se deu o primeiro contato dos surdos brasileiros com a Língua de Sinais Francesa, trazida por E. Huet. Hoje, já se tem um avanço com relação aos responsáveis pela instrução dos surdos, o que reflete uma preocupação do governo com a inclusão, porém, naquele tempo, o trabalho de oralização era feito pelos professores ouvintes, não havendo especialistas para tal tarefa.

No Rio de Janeiro, o Instituto Nacional de Surdos-Mudos, que hoje é o INES, era a única escola, em nível federal, existente no país. Desse modo, por algum tempo perpetuou-se um processo histórico, entre médicos e outros profissionais, de que o INES era o único local para onde os surdos deveriam ser encaminhados. Por isso, até hoje o INES é considerado uma referência nacional na educação de surdos.

INES foi fundado há 152 anos e a presença de narrativas ligadas à memória faz parte da cultura institucional. A marca de sua longa história é muito forte na instituição, embora, contraditoriamente, a atenção com a memória oral seja mais relevante do que com a memória escrita. Muito se perdeu de fontes documentais matérias, por diversas razões que não cabem aqui serem discutidas (ROCHA, 2010, p.33).

Segundo Moura, um dos motivos que levaram à decadência do Instituto Nacional de Surdos-Mudos foi a intervenção do Estado nos métodos educativos para

os alunos surdos. Havia ainda o argumento de que a educação dos surdos deveria ser oralista, a fim de desenvolver a fala, isto é, os surdos deveriam aprender a Língua Francesa, independentemente de qual identidade o surdo se assemelhava. “A possibilidade de existir um grupo com uma identidade linguística diferenciada, a uma cultura própria punha em risco a própria questão da centralização e da identidade da França enquanto nação” (MOURA, 2000, p. 44).

### **1.1 A LEGISLAÇÃO QUE NORMATIZA A EDUCAÇÃO DE SURDOS**

O decreto nº 5.626, de 22 de dezembro de 2005, foi uma medida oficial e nacional que buscou instituir nos Cursos de Formação de Professores do Brasil um novo conhecimento obrigatório, de modo a obter dessa categoria melhor qualificação para o exercício profissional na escola básica, já que está vem recebendo um contingente significativo dessa população que se vê, muitas vezes, impedida de progredir na escolarização pela ausência de um processo escolar condizente com suas necessidades linguísticas.

A Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, pertencente à lei de Diretrizes e Bases, Art. 59º, inciso I, trata dos métodos, técnicas e dos mais diversos recursos para atender as necessidades dos sujeitos com necessidades educacionais especiais, a fim de melhorar as condições para sua inserção no ensino regular, assegurando, assim, seus direitos legislativos. O inciso II, por sua vez, implementa uma terminalidade específica para aqueles alunos que não conseguirem terminar o Ensino Fundamental em tempo hábil ou determinado, por causa de suas necessidades educacionais especiais, mas somente quando o aluno não completar essa carga horária estabelecida. Já o terceiro inciso, é muito relevante, pois faz referência aos professores do ensino regular que ainda não são especializados para o ensino dos educandos com Necessidades Educacionais Especiais, declarando ainda a extrema importância de sua especialização e capacitação para atuar com a inclusão desses alunos nas salas regulares. Quanto ao inciso IV, faz referência à educação especial e à inserção do sujeito com necessidades educacionais especiais. Vejamos ainda o que diz o artigo seguinte da mesma lei:

Art.60º Os órgãos normativos dos sistemas de ensino estabelecerão critérios de caracterização das instituições privadas sem fins lucrativos, especializadas e com atuação exclusiva em educação especial, para fins de apoio técnico e financeiro pelo Poder Público. Parágrafo Único: O poder Público adotará, como alternativa preferencial, a ampliação do atendimento aos educandos com necessidades especiais na própria rede pública regular de ensino, independentemente do apoio às instituições previstas neste artigo.

Nesse Art.60º, o Poder Público delibera e caracteriza que outras instituições de ensino, particulares ou mesmo filantrópicas, podem oferecer à comunidade serviços de educação especial, independente de qual seja a deficiência de seu alunado, além do apoio técnico e financeiro. O Parágrafo Único desse artigo comenta que, apesar de deliberar e indicar as escolas especiais, preferencialmente regulamentadas, como meio para educação dos sujeitos com necessidades educacionais especiais, a inclusão desses educandos no ensino regular, como o próprio artigo indica, independe do apoio que essas instituições proporcionam aos educandos.

## **2. O ENSINO DA LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS COMO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO**

Compreende-se que a Libras faz com que os alunos tenham o primeiro contato com o mundo a sua volta, assim ele realiza a leitura da palavra ou a leitura do gesto, então é importante que o aluno seja alfabetizado em libras de acordo com a sua realidade, desta forma ele irá bem além da memorização da interpretação de códigos. Dessa forma a alfabetização em libras desse ser a porta de entrada para o indivíduo no mundo.

Quando a criança surda tiver a chance de, no início do seu desenvolvimento, contar com pais dispostos a aprender a língua de sinais, com adultos surdos, com colegas surdos, quando ela narrar em sinais e tiver escuta em sinais, a dimensão do seu processo educacional será outra.(QUADROS, 2005)

O processo de Alfabetização do aluno surdo é muito objetivo, pois os métodos irão variar de acordo com cada necessidade do aluno. O método para se alfabetizar em libras é a memorização. A alfabetização através da memorização ocorre porque a professora capacitada mostra a figura e mostra o sinal, dessa forma o aluno irá aprendendo através da memorização todos os sinais. As frases são todas verbais, dessa forma uma frase como a “Eu gosto de ir ao parque” ficaria “Eu gosto ir parque”, os sinais pertencem as categorias lexicais ou a classes de palavras, como nome, verbos, adjetivos e advérbios

O fato de passar a ter contato com a língua portuguesa trazendo conceitos adquiridos na sua própria língua, possibilitará um processo muito mais significativo. A leitura e a escrita podem passar a ter outro significado social se as crianças surdas se apropriarem da leitura e da escrita de sinais, isso potencializará a aquisição da leitura e da escrita do português (QUADROS, 2005, p.33).

Para que ocorra o letramento do aluno surdo é preciso que ele em primeiro lugar tenha consciência ou noção da diferença entre significação e tema, isto é, os alunos devem entender que as palavras têm significados, mas que ganham sentido

na experiência individual. Dessa forma podemos dizer que a alfabetização e o letramento dos alunos surdos são como de pessoas que não possuem audição mas tem a capacidade de compreensão e entendimento, pois ambas são alfabetizadas com a teoria e letradas com as experiências vividas do indivíduo, a diferença é que o portador de necessidades auditivas utiliza-se de sinais para se comunicar e a maior parte deles é memorizada, então é preciso que se trabalhe muito a memorização, mas sempre de forma criativa.

Heat (1983) nos traz que evento de letramento pode ser explorado como ocorrências que envolvam uma ou mais pessoas, na qual a produção e a compreensão da escrita possuam uma função. Faz-se necessário a existência de regras para que esta interação possa ocorrer, pois são elas que vão determinar a quantidade e a qualidade do tipo da “fala”, sobre o que está escrito (letras e/ou símbolos) seja ela escrita ou feita através de sinais, o qual é o foco principal deste presente texto.

É preciso alfabetizar e letrar o surdo em Libras, para que adquira habilidades, na escrita do Português e vá além de sua mera decodificação. A Libras simboliza a língua falada, tornando-a objeto de interação espontânea e entendimento, que são os requisitos para capacitar uma pessoa como letrada. A alfabetização da escrita é um processo lento que nem sempre há sucesso por total, muito dos alunos não conseguem chegar a escrever textos inteiros ou ler textos por completo, apenas chegam a escrever algumas palavras, dessa forma não conseguem percorrer por todo o processo da escrita.

Segundo Svartholm(1998):

A única forma de assegurar que os textos se tornem significativos para os alunos surdos, é interpretá-los na língua de sinais, em um processo semelhante ao observado na aquisição de uma primeira língua. (SYARTHOLM apud PEREIRA,2008, pg.2008).

Soares (2010) ressalva que os conceitos de alfabetização e letramento são processos que se dão de forma simultânea e interdependente, pois enquanto alfabetizar significa a aquisição do sistema convencional de escrita, e letramento designa o desenvolvimento de comportamentos que envolvem práticas sociais de leitura e escrita. Nessa perspectiva, o processo de alfabetização/letramento para os surdos deve contemplar a concepção de homem sujeito que estabelece com o mundo, uma relação consciente de trocas significativas, concretizadas a partir da compreensão do papel social da escrita. Nesse contexto, o letramento aparece como uma forma de construção de conhecimento que implica numa abordagem

interdisciplinar de alfabetização, em que se configura em um processo no qual o cidadão possa construir, em si próprio, o sentido da escrita para a sua vida cotidiana.

Na verdade, do ponto de vista lógico se torna um paradoxo alfabetizar um aluno surdo através da escrita de uma língua que não seja pela língua de sinais, pois para ele é triplamente difícil porque tem: (i) todo o custo do código, (ii) mais o custo da descoberta da língua e, (iii) mais o custo da descoberta de uma estrutura gramatical que ele não tem no pensamento.

Assim, se as práticas de alfabetização e letramento para surdos, estiverem centradas no trabalho normativo da língua portuguesa, em técnicas e regras gramaticais e/ou em itens lexicais, sem considerar a interação e a língua de sinais no contexto da aprendizagem, seu resultado será inócuo.

Quadros (2006) ao definir a Língua de Sinais destaca que esta forma de linguagem é rica, completa, coexiste com as línguas orais, mas é independente e possui estrutura gramatical própria e complexa, com regras fonológicas, morfológicas, semânticas, sintáticas e pragmáticas. É lógica e serve para atingir todos os objetivos de forma rápida e eficiente na exposição de necessidades, sentimentos, desejos, servindo plenamente para alimentar os processos mentais. Ainda acrescenta a autora: “contém os mesmos princípios subjacentes de construção que as línguas orais”, isto é, “a língua de sinal é determinada pela gramática universal inata e pela interação entre a percepção visual e a produção gestual” (p. 48).

A língua de sinais pela falta ou pouco som, permite a apropriação do conhecimento pela língua visual-espacial por pessoas surdas que desconhecem o valor sonoro das palavras. Dessa forma, no ensino do alfabeto por exemplo, o professor não poderá oferecer metodologias de alfabetização que incentivem o valor sonoro das letras, visto que tal prática, como outras, fundamentadas no modo ouvinte de aprender, geram para os surdos dificuldades ou mesmo incapacidade de fazer diferentes e qualificados usos tanto individual quanto socialmente significativos da língua escrita.

Cumpre-se, assim, a necessidade de se viabilizar metodologias pedagógicas de alfabetização/letramento que se materializem através do respeito às singularidades do processo de aprendizagem dos sujeitos surdos de modo que possibilite uma significativa e efetiva inclusão social. Nessa perspectiva o processo de aprendizagem para os surdos deve contemplar a concepção de homem-sujeito que estabelece com

o mundo uma relação consciente de trocas significativas, concretizadas a partir da compreensão do papel social da escrita.

### **3.COMPREENDENDO AS FERRAMENTAS UTILIZADAS PELO PROFESSOR PARA A ALFABETIZAÇÃO E LETRAMENTO DE CRIANÇAS SURDAS.**

A presença do aluno Surdo em sala exige que o professor reconheça a necessidade da elaboração de novas estratégias e métodos de ensino que sejam adequados à forma de aprendizagem deste aluno Surdo, este aluno está na escola, então cabe aos professores criar condições para que este espaço promova transformações e avanços a fim de dar continuidade a um dos objetivos da escola, ser um espaço que promove a inclusão escolar.

No ensino do alfabeto o professor não poderá oferecer metodologias de alfabetização que incentivem o valor sonoro das letras, visto que tal prática, como outras, fundamentadas no modo ouvinte de aprender, geram para os surdos dificuldades ou mesmo incapacidade de fazer diferentes e qualificados usos tanto individual quanto socialmente significativos da língua escrita. O sistema escolar não pode oferecer idênticas condições de alfabetização/Letramento para alunos ouvintes e alunos não ouvintes quando estes diferentes alunos não falam a mesma língua. As regras na língua brasileira de sinais são diferenciadas da língua portuguesa, refletem-se em sua forma de comunicação e, conseqüentemente, na sua escrita. Destaca-se que um dos maiores obstáculos no ensino da escrita na língua portuguesa para alunos surdos, está em que os professores conhecem pouco sobre a língua escrita e tentam fazer com que os surdos aprendam através de procedimentos que não são válidos nem para os ouvintes.

De acordo com Frias (2010) a inclusão dos alunos Surdos na escola regular devem contemplar mudanças no sistema educacional e uma adaptação no currículo, com alterações nas formas de ensino, metodologias adequadas e avaliação que condiz com as necessidades do aluno Surdo, requer também elaboração de trabalhos que promovam à interação em grupos na sala de aula e espaço físico adequado a circulação de todos.

É necessário, portanto, que o professor, durante o processo de alfabetização/letramento mantenha uma atitude diferenciada que não parta das aparentes limitações iniciais apresentadas, mas das possibilidades que as especificidades dessa construção contemplam. Os 'erros' que estudantes surdos



cometem ao escrever o português devem ser encarados como decorrentes da aprendizagem de uma segunda língua, ou seja, o resultado da interferência da sua primeira língua e a sobreposição das regras da língua que está aprendendo.

Ressalva-se que “há necessidade de um trabalho contextualizado, no qual sejam focados conteúdos relacionados à prática da produção escrita, ou seja, o conhecimento gramatical e seu efeito retórico deverão ser decorrentes do uso em atividades significativas de escrita. (FERNANDES, 2006, p.140).

Cumpre-se, assim, a necessidade de se viabilizar metodologias pedagógicas de alfabetização/letramento que se materializem através do respeito às singularidades do processo de aprendizagem dos sujeitos surdos de modo que possibilite uma significativa e efetiva inclusão social. Nessa perspectiva o processo de aprendizagem para os surdos deve contemplar a concepção de homem-sujeito que estabelece com o mundo uma relação consciente de trocas significativas, concretizadas a partir da compreensão do papel social da escrita.

Barbosa (2008) reflete sobre o que é ideal em sala, pois muitas vezes não utilizam uma metodologia específica aplicada aos alunos Surdos. As aulas são ministradas, em sua grande parte, através de diálogos orais e atividades escritas sobre temas abordados durante as classes que, em muitas vezes, no planejamento não engloba a forma de aprendizagem ou o desempenho necessário ao aluno Surdo. Fica evidente uma exclusão para o aluno surdo de fato está metodologia não realiza uma inclusão linguística necessária.

O problema está na segregação das práticas de alfabetização/letramento no cotidiano escolar, em que raramente se articulam com as demais áreas do conhecimento e não legitimam as possibilidades das diferenciações cognitivistas em que envolve a construção da leitura e da escrita. Agrega-se a esse contexto dois fatores: (i) uma concepção arcaica de que a alfabetização restringe-se meramente ao ato de dar acesso às letras, ou seja, conhecendo seus nomes e juntando-as para formar palavras; esta percepção evidencia uma prática alfabetizadora onde o sentido comunicativo da linguagem inexistente e a língua é encarada como um sistema estável, imutável e único, ou seja, prevalece a língua portuguesa como a única língua possível; tal concepção acontece contraditoriamente ao ambiente alfabetizador, tão priorizado, atualmente, nas escolas, cuja concepção pressupõe que palavra escrita, refletindo, criando e apropriando-se dela, para alfabetizar é criar condições significativas para que os alunos surdos ou não, tenham acesso à construir novos conhecimentos e

maneiras de ler o mundo; (professores não conseguem entender da estrutura da LIBRAS, restringindo a aprendizagem da leitura e escrita para alunos surdos à concepção da língua portuguesa.

(...) o ensino da língua portuguesa para crianças surdas, principalmente em escolas regulares, não tem considerado este fato e as crianças surdas, inseridas em classes de crianças ouvintes recebem o mesmo tipo de atividade como se já tivessem adquirido esta língua naturalmente e tivessem o mesmo desempenho das ouvintes. (FELIPE, 1997, p. 41).

É válido destacar que concepções equivocadas no processo de alfabetização/letramento estão ligadas à formação do professor. Embora a alfabetização com a concepção interdisciplinar na perspectiva da diversidade deva ser encarada pelo professor como uma meta a ser buscada no processo mais amplo de letramento do aluno, sua identidade enquanto alfabetizador, na sua formação, é propriamente construída em uma ou duas disciplinas, em que se encaixam técnicas de alfabetização.

Nas demais disciplinas, a alfabetização não é mais abordada, de modo que o professor aprende a crer que se possa trata-la na escola apenas em momentos isolados, especificamente relacionados ao aprendizado da escrita. Como torná-lo, antes, significativo e funcional para o aluno? Em primeiro lugar, deve-se zelar para que se torne significativo e funcional para o professor (FRIES, 1945). Portanto, os alunos Surdos aprendem de forma diferente e é necessária uma metodologia que atinja esta forma visual e esteja ligada a esta cultura Surda.

Quadros (2004) aponta que existem diversos problemas de ordem ética que surgem em função do modelo de mediação que se constrói em sala de aula. Muitas vezes, o trabalho exercido pelo intérprete em sala de aula acaba sendo confundido com o papel do professor. Por muitas vezes, os próprios alunos Surdos acabam direcionando questões ao intérprete sobre conteúdos escolares, resultando em diálogos e discussões em relação aos assuntos abordados em sala com o intérprete e não com o professor.

Rijo (2009) afirma que em primeiro lugar é importante que o professor conheça a cultura surda, como a língua brasileira de sinais (Libras), para que possa comunicar-se com alunos surdos. O professor deve aceitar que existem diferenças dentro da escola. Se estas duas características forem compreendidas, o professor será capaz de preparar aulas onde alunos diferentes poderão aprender.

Segundo Carvalho e Barbosa (2008) é necessário a criação de um ambiente que propicie a interação entre Surdos e ouvintes nas atividades, é o desejado para que haja o processo de inclusão, respeitando as diferenças individuais. Por isso, têm-se a necessidade de se pensar em uma didática que seja flexível e que ofereça o mesmo conteúdo curricular, respeitando as especificidades do aluno Surdo sem que haja perda na qualidade do ensino e aprendizagem.

Portanto, este trabalho faz um levantamento de questões visando investigar os procedimentos metodológicos organizados a partir dos objetivos: conceituar como é o processo de estratégias de Alfabetização e Letramento; pesquisar nos documentos legais (FERNANDES, 2006, p.140).

O trabalho será realizado através da abordagem qualitativa. Ludke e André (1986) afirmam que as pesquisas que utilizam a abordagem qualitativa possuem a facilidade de poder descrever a complexidade de uma determinada hipótese ou problema, analisar a interação de certas variáveis, compreender e classificar processos dinâmicos experimentados por sujeitos sociais, apresentar contribuições no processo de mudança, criação ou formação de opiniões de determinado grupo e permitir, em maior grau de profundidade, a interpretação das particularidades dos comportamentos ou atitudes dos indivíduos. Ou seja, tal abordagem permite uma maior aproximação entre pesquisador e os sujeitos da pesquisa e com isso uma compreensão diferenciada do problema analisado.

Sendo assim esse estudo mostra a compreensão do mundo real, em que se buscou analisar as práticas de alfabetização e letramento para crianças surdas. Com essa investigação ajudará na investigação no problema apresentado. Geral: Investigar as principais estratégias e métodos utilizados para alfabetizar uma criança surda. E o Específicos: Conceituar a Educação dos Surdos. Analisar o ensino da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) no processo de alfabetização. Compreender quais ferramentas o professor utiliza para alfabetizar e letrar crianças surdas.

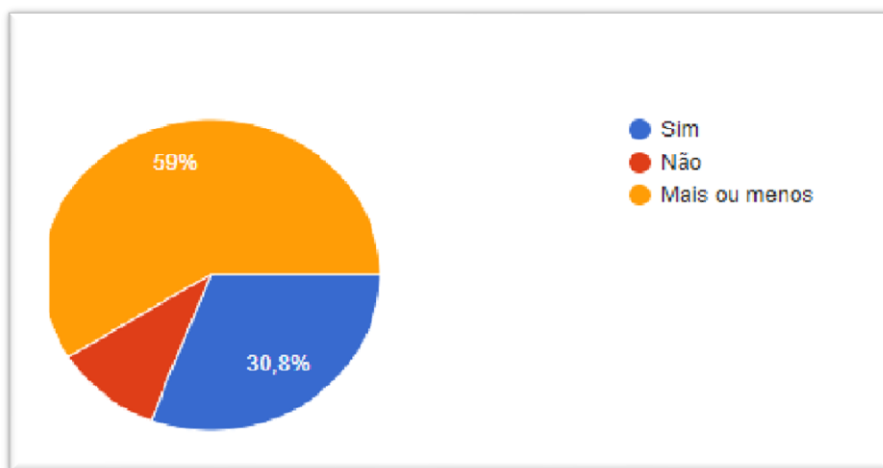
Com isso, essa pesquisa se constitui-se a partir dos seguintes aspectos: estratégia na alfabetização e letramento, conhecimento, métodos de ensino e procedimento técnicos, quanto a teoria e a pratica.

## ANÁLISE DE DADOS

Foi realizado um formulário através do Google Forms com algumas perguntas sobre a alfabetização e letramento para os surdos do STJ- Superior Tribunal de Justiça, com objetivo de analisar seu histórico de alfabetização.

Conforme o gráfico 01, observa-se que 59% dos surdos tem dificuldade no português devido à falta de intérpretes e alguns tiveram uma alfabetização ruim na escola. *Língua nada mais é que*: “uma forma de comportamento social, [...] usada por indivíduos em um contexto social para comunicar suas necessidades, ideias, emoções” (LABOV 1972, p. 183 apud QUADROS, 2009, p.25)

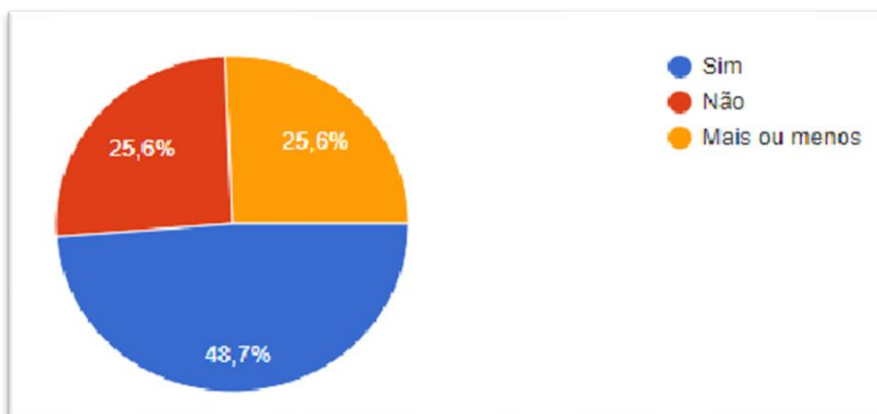
**Gráfico 01- Surdos com dificuldade na Língua portuguesa**



Fonte: Elaborado pelas autoras desta pesquisa.

O surdo precisa de uma adaptação, o aprendizado é bem mais complexo porque alguns deles tem um contato restrito com a Libras e com outros surdos, seja por morar no interior, pela proibição familiar em manter contato com a libras ou por desejar que o filho aprenda a oralizar. Dessa forma, adquirir novos conhecimentos será bem difícil. É importante ressaltar que a pessoa surda vai necessitar de tempo hábil para compreender a utilização de determinados termos, conhecimento dos gêneros textuais, entre outros requisitos que proponha coerência e coesão.

**Gráfico 02- Professores qualificados em adaptação para os surdos.**



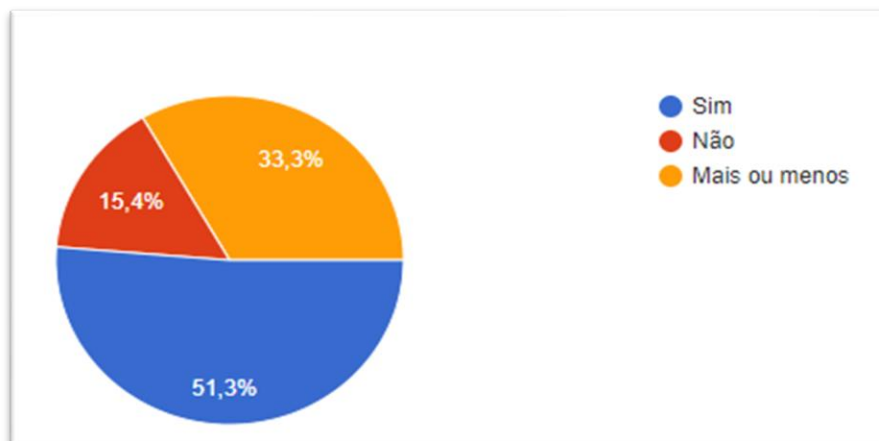
Fonte: Elaborado pelas autoras desta pesquisa

Conforme no gráfico 02, pela experiência vivida pessoa surdos, esses relatam que a maioria, ou seja, 48% de professores que não são qualificados em adaptação para os surdos, alguns lutam para aprender o português até hoje, e os mais novos estão lutando para aprender como sua segunda Língua.

A ação pedagógica dos professores se configura historicamente ao longo das experiências obtidas em diferentes contextos. Nestes contextos eles vivenciam diferentes emoções, criam representações, resolvem conflitos, tomam decisões. Essas construções de sentidos delineiam sua prática pedagógica, bem como a forma de olhar os desafios e as diversidades. (MARTINEZ,2003;138).

Compreender que a formação do professor precisa ser contínua e continuada que o conhecimento seja progressivo e sistematizado com perspectivas de inovar, vencer os desafios, faz-se necessário deixar de ver a educação como processo de integração, mas sim como inclusão, fundamentada nas concepções de direitos humanos, pois a civilidade é um direito de todos, com garantia de possibilidade e permanência nas escolas.

**Gráfico 03- As escolas tiveram uma melhora diante a educação dos surdos.**



Fonte: Elaborado pelas autoras desta pesquisa

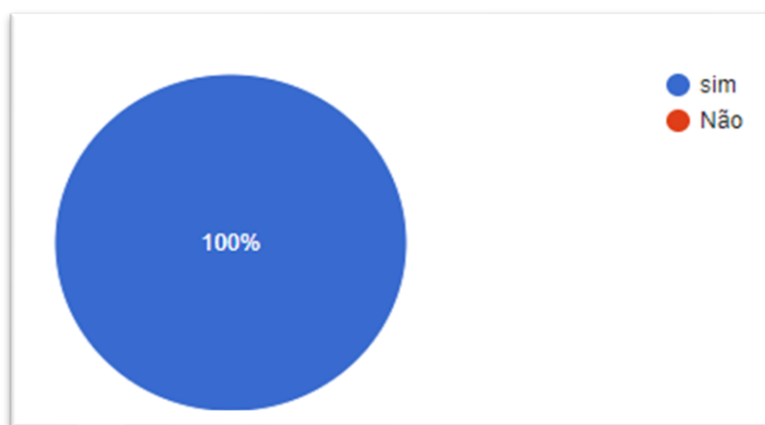
Conforme o gráfico 03, observa-se que 51% dos surdos e por algumas pesquisas, houve uma melhora muito grande na educação e acessibilidade para os surdos, existe várias escolas adaptadas, com professores formados em Libras que acompanham o processo de aprendizado dos surdos. Quando a escola se adapta para receber seus estudantes, provoca mudanças não apenas na vida de quem precisa de atenção especial, mas em todos da comunidade escolar.

Instituído no Brasil em 2008, o Dia Nacional dos Surdos, celebrado em 26 de setembro, homenageia a criação da primeira escola brasileira voltada a esse segmento da população, o Instituto Nacional de Educação de Surdos (Ines). A instituição, atualmente vinculada ao MEC, foi fundada no Rio de Janeiro em 26 de setembro de 1857 e é considerada um centro de referência nacional na área da surdez.

A atuação do instituto se processa na perspectiva da efetivação do direito à educação de crianças, jovens e adultos surdos. Para tanto, produz conhecimento e apoia diretamente os sistemas de ensino, dando suporte às escolas brasileiras que devem oferecer educação de qualidade à pessoa surda, assegurando sua plena socialização e o respeito às diferenças. O instituto contempla a educação precoce (de recém-nascidos a crianças de três anos), educação infantil, ensino fundamental e ensino médio, atende a aproximadamente 500 alunos. Os professores participam de estudos e pesquisas sobre sua prática, elaboram materiais de apoio à educação de surdos e atuam na capacitação de recursos humanos. Para tanto, deslocam-se pelo país e também pelo o exterior para prestar assessoria técnica aos sistemas de ensino.

A formação de profissionais surdos e ouvintes no curso bilíngue de pedagogia é uma experiência pioneira no Brasil e na América Latina.

**Gráfico 04- A importância de Libras na vida dos surdos.**



Fonte: Elaborado pelas autoras desta pesquisa

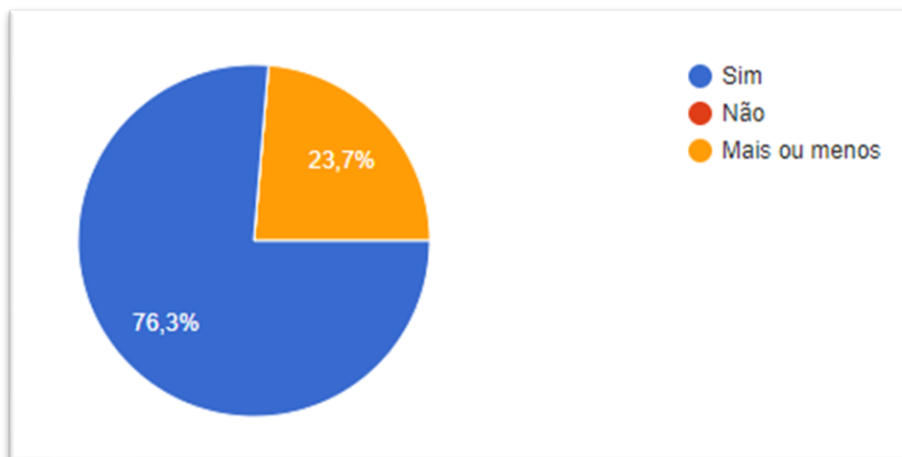
A comunicação é um processo de interação no qual se compartilha mensagens, ideias, emoções e sentimentos, podendo influenciar ou não outras pessoas. No entanto, a comunicação nem sempre ocorre de forma clara, uma vez que há várias crianças, jovens e adultos com deficiência na audição e conseqüentemente na comunicação.

A comunicação através da Libras, propicia uma melhor compreensão entre surdos e ouvintes, uma vez que já está previsto em lei a presença de intérpretes de Libras em diferentes instituições pública, como escolas, universidades, congressos, seminários, programas de televisão entre outros. Além disso, a utilização das libras facilita a comunicação entre os surdos, que passam a se compreender como uma comunidade que tem características comuns e que devem ser reconhecidas como tal, praticando assim, a verdadeira inclusão social. Pinheiro (2010, p. 20), ressalta que "a linguagem humana é natural, não é herdada [...], mas o homem aprende a sua Língua e é dotado de cultura e de capacidade de expressar sentidos diferentes de acordo com as diferentes situações [...]"

A pessoa surda, através da Língua de Sinais, pode desenvolver integralmente todas as suas possibilidades cognitivas, afetivas e emocionais, permitindo sua inclusão e integração na sociedade. Por isso, é imprescindível que os pais de crianças surdas estabeleçam contato com a Língua de Sinais o mais cedo possível, aceitando

a surdez de seus filhos como diferença e a Libras como uma modalidade de comunicação.

**Gráfico 05 - Melhoria no Brasil em interpretes qualificados para melhorar o ensino da alfabetização e Letramento para Surdos.**



**Fonte: Elaborado pelas autoras desta pesquisa**

De acordo com o gráfico 05, foram 76% respondido pelo próprio surdos no Brasil tem muitos interpretes, mais ainda precisa ser melhorado, não basta apenas saber Libras, mais ter o domínio, ter várias estratégias de ensino, métodos que irá incluir Libras e o Português escrito para adaptação para os surdos. “É necessário reinventar as formas de conceber a escola e suas práticas pedagógicas, rompendo com os modos lineares do pensar e agir no que se refere à escolarização” (Alves,2009p.8)”

O importante não é só capacitar o professor mais todos os funcionários das escolas, tem que ter uma preparação para receber alunos com deficiência auditiva, tem que ter um trabalho em conjunto, porque tudo pode interferir no processo de alfabetização e letramento do aluno surdo, precisa ter acessibilidade.

O Formulário foi respondido pelos surdos, e cada um teve um histórico de alfabetização diferente, sendo que a maioria não tem domínio no português escrito.



### **Tabela 1: Os Surdos tem a capacidade de melhorar o português mesmo já adulto?**

|                                                                                                                          |
|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Mais ou menos, acho português muito difícil, é muita gramática regras, não sou acostumada.                               |
| Sim                                                                                                                      |
| Dependências.                                                                                                            |
| Acho que um surdo entende mais a língua sinais de brasileira do que português pq Libras ajuda para entender melhor.      |
| como eu posso enviar o vídeo para responder a sua pergunta? porque prefiro responder em libras :)                        |
| Precisamos acompanhar surdos qual dificuldade que está é bom orientar eles é melhor português conhecer mais              |
| Pode aprender continua                                                                                                   |
| Depende de cada um com esforço e vontade de estudar mesmo. Nem todos os surdos gostam de português prefere só em libras. |

**Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa**

### **Tabela 2: Qual era as dificuldades na escola quando era criança?**

|                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                |
|----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Foi minha maior dificuldade de Português porque não consegui entender português quando era criança.                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                            |
| Na roça                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Escrever bem português                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                         |
| Português por que professores não sabem falar de libras                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                        |
| Quando professor explicava a matéria para os alunos e não entende quase nada pois ficava de costa, falava muito rápido e queria aprender mais sobre os assuntos valorizados de cada matérias. Isso ruim porque os professores não enxergava você como surdo e sim como ouvintes achava que era coitado né. Mais Hoje tem alguns faz isso sim. Por sorte eu aprendir ler português com minha família em casa para entrar na escola já sabendo de cada matérias. |

**Fonte: Elaborado pela autora desta pesquisa**

**Tabela 3: O que precisa melhorar nas escolas em acessibilidade para os surdos poder acompanhar melhor as aulas?**

|                                                                                                                                                                                                                 |
|-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|
| Sim, na minha opinião que os ouvintes precisam comunicar Libras para surdos poder acompanhar juntos.                                                                                                            |
| Mais intérprete ensinar surdos                                                                                                                                                                                  |
| Alguns professores não explica muito bem claro nas matérias só fala muito mais não faz data show , cartaz ou teatro para que eles possam entender melhor e perguntar aos alunos se eles entenderam as matérias. |
| Precisa intérprete comunicação ouvintes libras aprender para fala comunicação surdos.                                                                                                                           |
| Nao                                                                                                                                                                                                             |
| Intérpretes de Libras                                                                                                                                                                                           |
| Seguir os intérpretes especializados em mestrado ou doutorado.                                                                                                                                                  |

**Fonte:** Elaborado pela autora desta pesquisa

Através do formulário respondido pelos próprios surdos foi analisado pela resposta dada pelo docente e muitos ainda questionam o fato da falta de interpretes qualificados, e muitos dizem é preciso inserir Libras como disciplina nas escolas, assim para melhorar a interação e evitar problemas no futuro na alfabetização para crianças surdas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentado, mostra a necessidade que os alunos surdos tem diante a alfabetização e letramento, quando não há professores capacitados, usando estratégias e métodos que possam revolucionar a vida do estudante surdos. Se essa revolução não ocorrer, eles terão dificuldades com o mundo lá fora, e ser alfabetizado é poder interagir com as pessoas ao redor, é poder enfrentar os desafios que a vida mostra diante de si.

O docente precisa não somente ter a qualificação, mas sim, entender a cultura surda, entender a necessidade de um surdo, para poder acompanhar sua trajetória dentro da sala de aula, facilitando o processo de elaboração dos métodos de aprendizagem. É de grande importância a utilização de Libras como a principal fonte para alfabetizar e letrar uma criança surda. Sabendo que a Libras é a língua materna dos surdos, é preciso que esta, seja respeitada e ingressada na sala de aula.

Não é somente saber Libras, mas criar estratégias usando materiais que tornem a aula mais interessante, que chame a atenção do aluno surdo; uma aula que todos participem. É importante a interação dos surdos com os outros alunos, tornando a aula mais produtiva, e incentivando os outros alunos — ouvintes, a aprender Libras.

Sendo assim, conclui-se que para alfabetizar e letrar uma criança surda, é necessário ir muito além do imaginado. É preciso ter vocação, ter habilidades, criar materiais pedagógicos que façam o aluno surdo entender, claramente, o conteúdo dado em sala de aula e compreender que para um surdo, o primeiro contato é o visual, sendo que essa, é à sua maneira ver o mundo.

## REFERÊNCIAS

- ALVES,. **Inclusão: muitos olhares, vários caminhos e um grande desafio**. Rio de Janeiro:Wark, 2009
- BOTELHO, P. **Linguagem e letramento na educação de surdos**: ideologias e práticas pedagógicas. Belo Horizonte: Autêntica, 2002.
- CARVALHO, E. de C. & BARBOSA, I. **Pensamento Pedagógico e as NEE: Introdução à Deficiência Auditiva**.(2008).Disponível em: acesso em: 21/09/2013.
- FELIPE, T. A. **Escola Inclusiva e os direitos linguísticos dos Surdos**. Rio de Janeiro: Revista Espaço – INES, 1997. p. 41-46, Vol. 7
- FERNANDES, Eulália. **Problemas linguísticos e cognitivos do surdo**. Rio de Janeiro: Agir, 2006.
- FREITAS, Ana Beatriz Machado de. **Letramento e inclusão social e escolar**. Inclusão: Revista da Educação Especial, v. 4,n .2,p.30-37, Jul.2008.
- FRIAS, E. M. A. **Inclusão escolar do aluno com necessidades educacionais especiais**: contribuições ao professor do Ensino Regular. Disponível em: acesso em: 23/11/2013
- FRIES, C. **Ensino e aprendizagem de Inglês como Língua Estrangeira**. Universidade de Michigan Press: Ann Arbor, 1945.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.
- GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6º edição. São Paulo: Editora Atlas S.A, 2008.
- HEAT. In: **Cultura Acústica e Letramento em Moçambique**: em busca de fundamentos para uma educação intercultural. 1983.

KLEIMAN, A. **Modelos de Letramento e as Práticas de Alfabetização na Escola.** In: (org) **Os significados do letramento: uma nova perspectiva sobre a prática social da escrita.** Campinas, SP: Mercado de Letras, 1995.

LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica.** 5º edição. São Paulo: Editora Atlas.S.A, 2003.

LÜDKE Menga; MARLI M.E.D.A. André. **Pesquisa em Educação: abordagens qualitativas** - São Paulo: EPU, 1986.

MOURA, M.C. O surdo: **caminhos para uma nova identidade.** Rio de Janeiro: Reiventer, 2000.

PINHEIRO, Lucineide Machado. **Língua de sinais brasileira: libras I.** São Paulo: Know How, 2010. RIBEIRO, Marília de Fátima C.; SANTO Wladia Félix E.. Libras: língua materna do surdo brasileiro. In: ROSA, Suely Pereira da Silva et al. **Fundamentos Teóricos e Metodológicos da Inclusão.** Curitiba: IESDE Brasil S.A., 2008.

QUADROS, R. M. **O 'Bi' em Bilinguismo na educação de surdos.** In E. Fernandes (org.) **Surdez e Bilinguismo.** Porto Alegre: Editora Mediação, 2005. p. 26-36.

QUADROS, Ronice. Muller. de. **Estudos Surdos I – Série de Pesquisas..** Rio de Janeiro: Editora Arara Azul, 2006.

QUADROS, R.M.de.; SCHMIEDT, M.L.P. **Ideias para ensinar português para alunos surdos.** Brasília: MEC, SEESP, 2006.

RIJO, M. **A Inclusão de Alunos Surdos nas Escolas Públicas de Passo Fundo.** Trabalho de conclusão Curso de Especialização: Educação Profissional e Tecnológica Inclusiva. Cuiabá: Instituto Federal do Mato Grosso, 2009.

ROCHA, Solange Maria da. **Antíteses, díades, dicotomias no jogo entre memória e apagamento presentes nas narrativas da história da educação de surdos: um olhar para o Instituto Nacional de Educação de Surdos (1856/1961).** Tese (Doutorado em Educação) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

ROCHA, Solange Maria da. **Memória e história: a indagação de Esmeralda/ Solange Rocha.** – Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2010.

SANTOS, Rosemary Meneses da; SILVA, Roberto Vinicio da; Silva, Mirian Machado da. **Os desafios de alfabetizar alunos surdos na sala de ensino regular.** II CONGRESSO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO INCLUSIVA, 2016. Disponível em:

[http://www.editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO\\_EV060\\_MD1\\_SA12\\_ID3265\\_13102016184204.pdf](http://www.editorarealize.com.br/revistas/cintedi/trabalhos/TRABALHO_EV060_MD1_SA12_ID3265_13102016184204.pdf) Acesso em: 15 mai 2020.

SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento. 6 ed. São Paulo:** Contexto, 2010.

SOARES, Magda. **O que é Letramento?** *Diário do Grande ABC*, Santos André, 29 ago.2003.Diário na escola, p.3. ;<<http://e-revista.unioeste.br/index.php/trama/article/view/5785/4981>>.

TRIVIÑOS, A. N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação.** São Paulo: Atlas, 1987.